

## MARCAS DE PROVENIÊNCIA COMO VESTÍGIOS DE UMA HISTÓRIA: A TRAJETÓRIA DA COLEÇÃO DE ERNESTO SENNA

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo compreender como as marcas de proveniência evocam e fortalecem a memória da Coleção Ernesto Senna e permitem que sua trajetória não seja esquecida. Ernesto Serra foi um eminente jornalista carioca que participou ativamente da cultura e política brasileira na transição do Império à República. Adotou-se o paradigma indiciário como metodologia, de origem historiográfica, plenamente convergente ao campo de estudos das marcas de proveniência. Obteve-se os seguintes resultados: 1) a Coleção Ernesto Senna sinaliza que o estudo das marcas de proveniência pode ser aplicado para além do livro impresso e se abre a documentos de outras naturezas – o que pode impor novos desafios metodológicos; 2) confirma-se nossa perspectiva teórica de que a dimensão imaterial e material dos documentos se retroalimentam. Conclui-se que os estudos das marcas de proveniência possuem dimensões não apenas técnicas a partir da observação da materialidade dos documentos, mas constituem um campo de investigação por excelência. Portanto, é um campo que possui dimensão interdisciplinar e colaborativa, na medida em que “empresta” conhecimentos oriundos de outras disciplinas e formula conhecimentos próprios e especializados.

**Palavras-chave:** Serra, Ernesto (1858-1913). Jornalista – Biografia – Brasil. Marcas de proveniência. Coleccionismo.

**Carlos Henrique Juvêncio**  
Doutor em Ciência da Informação  
UFF  
orcid 0000-0003-2376-4823  
carloshjuv@gmail.com

**André Vieira de Freitas Araújo**  
Doutor em Ciência da Informação  
UFPR  
orcid 0000-0002-3003-7424  
armarius.araujo@gmail.com

## PROVENANCE MARKS AS TRACES OF A HISTORY: THE TRAJECTORY OF THE ERNESTO SENNA COLLECTION

**Abstract:** This article aims to understand how provenance marks evoke and strengthen the memory of the Ernesto Senna Collection and allow its trajectory not to be forgotten. Ernesto Serra was an eminent journalist from Rio de Janeiro who actively participated in Brazilian culture and politics during the transition from the Empire to the Republic. The indicative paradigm was adopted as methodology, of historiographical origin, fully convergent to the field of studies of the marks of provenance. The following results were obtained: 1) the Ernesto Senna Collection signals that the study of provenance marks can be applied beyond the printed book and is open to documents of other natures - which may impose new methodological challenges; 2) our theoretical perspective that the immaterial and material dimensions of documents feed each other is confirmed. We conclude that the studies of provenance marks have not only technical dimensions from the observation of the documents' materiality, but also constitute a research field par excellence. Therefore, it is a field with an interdisciplinary and collaborative dimension, as it "borrows" knowledge from other disciplines and formulates its own specialized knowledge.

**Keywords:** Serra, Ernesto (1858-1913). Journalist -Biography - Brazil. Marks of provenance. Collectionism.

## 1 INTRODUÇÃO

O jornalista Ernesto Augusto Pereira Senna nasceu no Rio de Janeiro em 1858 e morreu na mesma cidade em 1913; redator de vários diários cariocas foi no Jornal do Commercio do Rio de Janeiro, um dos mais longevos jornais do país, que teve destaque (IHGB, c2015). Provavelmente por conta de sua profissão manteve relações com várias personalidades de seu tempo, como o político Lopes Trovão, seu amigo, o Barão do Rio Branco e José Carlos Rodrigues, diretor do Jornal e uma das personalidades mais influentes dos últimos anos do Império e primeiros da República.

Contudo, outra faceta que se destaca na vida do personagem é a de colecionador. Não sabemos ao certo o porquê, mas é fato que Ernesto Senna reuniu ao longo de sua vida diversos documentos, tendo o fato de ser assinado por alguma personalidade de seu tempo ou de tempos passados, o critério para ingresso em sua coleção.

Há, assim, documentos datados de antes de seu nascimento até o ano de sua morte, em 1913. Hoje, esta coleção, denominada Coleção Ernesto Senna, é custodiada pela Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional, tendo sido comprada em quatro lotes entre os anos de 1914 e 1926, apresentando documentos de vários tipos, desde oficiais até pessoais, passando por cartões de visita até diplomas, todos colecionados a partir de pedidos e/ou doações e ofertas de amigos.

A Coleção Ernesto Senna, então, se insere naquilo que Bourdieu (2009) chama de trocas simbólicas; os próprios documentos atestam isso quando seu conteúdo é desvelado e o capital social (BOURDIEU, 1980) de Ernesto Senna contribui de forma decisiva para o enriquecimento de sua coleção, já que várias cartas evidenciam o envio de documentos a serem juntados à ela<sup>1</sup>. Curioso é que as próprias cartas acabaram sendo incorporadas à coleção, evidenciando de forma indireta sua história e os modos de colecionar de Ernesto Senna (Fig. 1).

---

<sup>1</sup> Para saber mais sobre tal fato, recomendamos a leitura de Silva (2008).

**Figura 1 - Coronel Ernesto Senna**



Fonte: Careta (1912).

Mas, quando se observa atentamente os documentos que compõem a coleção, marcas emergem como pistas de uma história não tão simples de ser contada, uma história que dependerá de elementos internos e externos à coleção para que seja recuperada e se entenda o contexto de sua formação e os destinos encontrados assim que é incorporada ao acervo da Biblioteca Nacional. Logo, nosso objetivo é compreender como as marcas de proveniência evocam e fortalecem a memória da Coleção Ernesto Senna e permitem que sua trajetória não seja esquecida.

Esta pesquisa deriva da prática empírica de um dos autores com a documentação da Coleção Ernesto Senna quando realizava estágio na Biblioteca Nacional, tendo sido o responsável pela sua descrição para inserção na base de dados. Por outro lado, aparece a parceria para a reflexão teórica sobre o objeto, compreendendo formação e desenvolvimento de uma coleção à luz dos princípios do colecionismo, bem como a sua trajetória é afetada quando institucionalizada pela Biblioteca Nacional.

Para tanto, o primeiro passo foi a revisita aos documentos da Coleção Ernesto Senna, buscando compreender os restos e rastros de sua trajetória como sinais e marcas de sua proveniência tendo como mote os modernos estudos sobre história do livro, mas aplicados,

desta vez, à uma coleção de documentos de diversas tipologias.

Esta operação a partir de diferentes tipologias impõe algumas questões metodológicas que merecem especial atenção, uma vez que há uma distinção entre o procedimento analítico de um livro e o procedimento analítico de um documento avulso (como uma carta ou uma correspondência).

Tanto em livros quanto em documentos avulsos, as marcas de proveniência são múltiplas, mas para o primeiro grupo documental (os livros) nos parece haver maior conhecimento e sistematização prévia de determinadas tipologias de marcas de proveniência. Estas marcas são identificadas de forma recorrente, independente da concepção e da proveniência das coleções bibliográficas. Tais marcas, inclusive, são sustentadas por terminologias consagradas no campo, como *ex-libris*, *ex-donos* etc.

Por outro lado, nos parece que, para documentos como cartas, correspondências etc., não há esta mesma sistematização prévia que oriente o trabalho analítico de forma mais objetiva. Neste sentido, o desafio metodológico que se coloca neste estudo, ao ampliarmos as marcas de proveniência para além dos livros, é o do confronto com a heterogeneidade de marcas que documentos de natureza não bibliográfica podem trazer e revelar.

A Coleção Ernesto Senna nos mostra, por exemplo, marcas registradas nos documentos que indicam elementos de ordenação documental e de identificação dos personagens que compõem a coleção, ou seja, marcas estritamente coligadas ao contexto e não marcas de leitura ou marcas ligadas às temáticas ou áreas do conhecimento dos documentos.

Do ponto de vista estrutural, dividimos este artigo em 3 seções, onde nos apoiaremos, sobretudo, em Halbwichs (2006), Pomian (1997; 2000), Ginzburg (2003), Martin (2000), Faria e Pericão (2008), Pearson (2019), García Aguilar (2011), Gaskell (1995) e Galbraith e Smith (2012). Na seção “O Colecionador, a coleção e as marcas de proveniência”, traçamos um panorama geral sobre o colecionismo e suas implicações para a memória social; também exploramos a dimensão material dos documentos a partir do papel das marcas de proveniência. Na seção seguinte, intitulada “A Coleção de Ernesto Senna”, nos dedicamos a traçar um perfil do colecionador e de sua coleção. Já na última seção, “A Biblioteca e a Coleção: marcas de uma história”, evidenciamos o quanto as marcas de proveniência nos auxiliam na descoberta da trajetória da Coleção Ernesto Senna.

## 2 O COLECIONADOR, A COLEÇÃO E AS MARCAS DE PROVENIÊNCIA

O hábito de colecionar é uma das práticas mais presentes em nossa sociedade, a coleção, seja aquela da figurinha, sejam os imãs de geladeira, evocam em nossa memória vários sentimentos, servindo como estopim para uma viagem ao passado, às lembranças de acontecimentos e fatos de nossa história e sociedade. Dotada dos:

[...] objectos mais inesperados que, pela sua banalidade, pareciam incapazes de suscitar o mínimo interesse. Enfim, pode-se constatar sem risco de errar que qualquer objecto natural de que os homens conhecem a existência e qualquer artefacto, por mais fantasioso que seja, figura em alguma parte num museu ou numa coleção particular (POMIAN, 1997, p. 51).

São itens que contribuem com a memória coletiva, na acepção de Halbwachs (2006), aquela sempre imperfeita, já que é impossível retomá-la em sua completude, mas que se manifesta por meio de restos, rastros, vestígios e marcas (GINZBURG, 2003) que sobreviveram ao tempo.

Assim, colecionismo e memória caminham lado a lado, uma vez que as coleções são as representações materiais da lembrança; mais ainda, ao relacionar-se diretamente com seu colecionador, cada item de uma coleção faz a ponte entre o presente e o passado, oferecendo a

[...] possibilidade de perceber a diferença entre os objectos provenientes de um passado remoto, os mais próximos do presente e os de hoje, e portanto a possibilidade de apreciar cada objeto como testemunho do seu tempo, enquanto concretização de uma recordação (POMIAN, 2000, p. 510).

Logo, os itens de uma coleção transpõem o tempo e nos levam e trazem do passado, conforme elucida Baudrillard (1989, p. 103): “[...] de qualquer forma ela [a coleção] é primeiro, no sentido literal do termo, um ‘passatempo’ pois que simplesmente o abole”. O abole já que não há barreiras para a memória, seja coletiva ou individual, em sua ligação com o objeto, e é essa interação social que dará sentido às coleções, é a aura atribuída a um item que o fará compor as coleções e se perpetuar, sobretudo, em instituições de memória, tais como arquivos, bibliotecas e museus (POMIAN, 2000; NORA, 1993; MOLES, 1981).

Pomian (1997, p. 53) define uma coleção como “[...] qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeitos a uma proteção especial num local fechado preparado para esse fim, e

expostos ao olhar do público”. Assim, o item ganha um valor simbólico, adquirindo estatuto daquilo que é e pode ser memorável.

Em sua nova acepção como objeto de coleção, as coisas, os itens que as compõem são revestidos de novas funções que não aquela primeira, sendo agora semióforos, como nos elucidam Pomian (1997) e Chauí (2000), e no bojo das ressignificações, marcas são atribuídas pelos colecionadores aos itens de sua coleção, marcas que distinguirão tais itens dos demais, sendo fácil identificá-los.

Tomando o livro, por exemplo, ele é individualizado e distinguido dos demais na condição de exemplar e através de ex-libris, ex-dono e/ou carimbos, também o é pelo acúmulo dessas marcas ao longo de sua trajetória ou, até mesmo, é individualizado ao pertencer à uma coleção específica pessoal ou institucional. E assim as coleções ganham características únicas, mesmo com a reprodutibilidade da qual Benjamin (2014) nos fala.

Tais características evidenciam, com efeito, que os livros e os documentos no sentido amplo são constituídos por duas dimensões que caminham lado a lado. Para Martin (2000), em pesquisas realizadas a respeito da escrita e de seus suportes distinguem-se em:

- 1) **Dimensão Imaterial ou Intelectual:** o livro enquanto suporte da escrita, tomando-se pouco das características específicas do suporte em si e enfatizando o conteúdo dos livros e o valor do escrito;
- 2) **Dimensão Material:** o livro enquanto objeto material inserido nos espaços sociais e associado a determinados gestos e comportamentos.

Sob a perspectiva imaterial/intelectual, o livro é considerado apenas como suporte da escrita. Quando analisado principalmente sob sua função cultural, intelectual e social, privilegia-se neste documento a difusão das ideias e do conhecimento. Dimensão esta é objeto de estudo sobretudo de historiadores e sociólogos que nos esclarecem o lugar dos documentos na sociedade. A mesma dimensão intelectual leva em conta que os documentos não teriam sentido sem os sujeitos que deles se apropriam.

Assim, este consumo cultural seria também uma produção (produção do sentido do texto), já que cada uso do livro é uma apropriação inventiva do texto pelo leitor, pelo sujeito (CERTEAU *apud* MARTIN, 2000). Mas os livros e os documentos no sentido amplo não são somente o suporte das ideias, das culturas e dos conhecimentos, pois eles existem também em

sua materialidade, em seu estado concreto. Levando isso em consideração, Martin (2000) sugere que os autores não escrevem livros: eles escrevem textos que devem ser os *objetos escritos* (manuscritos, gravados, impressos e, hoje, informatizados). E enquanto objeto material, o uso do livro está associado a gestos, atitudes e comportamentos.

Martin (2000) então destaca a importância material do livro, como já o fazem os historiadores ao compreenderem que os papéis imateriais do livro passam pela análise de suas dimensões materiais. É justamente a análise das dimensões materiais dos livros e dos documentos em geral que pode evidenciar um conjunto de características nem sempre cristalinas nos documentos, sobretudo na condição de artefatos históricos.

Estas características representam evidências externas, isto é, informações adicionadas após a impressão de um livro (ou documento) que devem ser examinadas bibliograficamente (GALBRAITH; SMITH, 2012).

Por outro lado, estas mesmas informações constituem elementos de proveniência de livros e de documentos que não podem ser desconsiderados para uma compreensão mais alargada dos documentos no tempo presente. De acordo com Faria e Pericão (2008), proveniência é a:

[...] informação acerca da transmissão de propriedade de um manuscrito ou impresso. Uma encadernação especial com super-libros, ex-libris, carimbo, selo branco ou qualquer inscrição de anteriores possuidores pode indicar a proveniência. Reveste particular importância numa biblioteca, quando o exemplar pertenceu a uma personalidade conhecida que, eventualmente, aí terá consignado os seus comentários. Pertence; marca de posse; origem. Instituição, administração, estabelecimento, organismo ou pessoa privada que criou, acumulou ou conservou documentos de arquivo no decurso da atividade dos seus negócios antes da sua transferência para um centro de pré-arquivo ou serviço de arquivos (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 605).

Segundo David Pearson, proveniência é qualquer evidência de propriedade e uso dos livros; todas as formas nas quais as pessoas têm indicado a propriedade de seus livros. As evidências que podemos encontrar em qualquer livro pode ser grande, pequena, talvez somente uma inscrição, ou mesmo uma cadeia completa da propriedade. A propriedade dos livros se registra de várias formas, e muitas têm uma larga história, com muitos exemplos em diversas bibliotecas no mundo todo (PEARSON; AZEVEDO, 2021).

Proveniência se ocupa de como os livros são adquiridos, usados, lidos e postos em circulação, o que ajuda a compreender o seu impacto e a sua influência (PEARSON; AZEVEDO, 2021).

Em “Provenance Research in Book History” – obra de significativo valor metodológico aos estudos de proveniência –, Pearson (2019) nos dá pistas de como identificar e descobrir o sentido das marcas dos livros e em que medida elas nos auxiliam no estabelecimento de vínculos entre livros e coleções dispersas.

Do ponto de vista tipológico, diversos são os indícios que compõem a narrativa das proveniências. Pearson (2019) destaca o nome do proprietário escrito no livro como um tipo de inscrição manuscrita mais óbvia, entretanto, outros indícios devem ser considerados, como anotações, marginalias, ex-libris, marcas heráldicas, etiquetas, selos e carimbos de livreiros e de bibliotecas, etc.

Segundo Pearson (2019), seu manual deveria ser relevante para qualquer pessoa interessada na propriedade de livros em geral; aqueles que os estudam como um ramo da bibliografia histórica, aqueles que buscam a história da leitura e do uso dos livros e aqueles que desejam rastrear a circulação de textos particulares identificando as pessoas que os possuíram.

No contexto das bibliotecas, nem todas produzem, mantêm e/ou controlam registros documentais acerca das proveniências, sobretudo com um tipo de detalhamento que atenda aos anseios biblioteconômicos-institucionais e científicos.

Na mesma direção, não podemos afirmar que existam proposições universalmente consensuais para os registros de proveniências. Entretanto, algumas disciplinas contribuem sobremaneira à identificação e sistematização dos dados acerca das proveniências, com destaque à Bibliografia e, notadamente, seu ramo Bibliografia Material.

Para García Aguilar (2011), é a metodologia da Bibliografia Material e de seus princípios que nos permitem criar um registro mais conciso de um espécime preservado e, assim, fornecer elementos para a avaliação cultural daquele objeto, tanto pelo bibliógrafo quanto pelo catalogador. Certamente, um modelo bibliográfico baseado nos princípios da Bibliografia Material permite a correta identificação de um exemplar mantida em determinada biblioteca.

Com efeito, a metodologia de exame materialístico-documental postulada pela Bibliografia Material compõe uma contribuição preciosa à análise de livros e de outros tipos de documentos. Esta amplitude documental é atestada por Gaskell (1995), quando afirma que

todos os documentos, manuscritos e impressos, constituem objeto de interesse à Bibliografia, pois os objetivos e procedimentos desta disciplina se aplicam para além dos livros.

A compreensão de um documento com características próprias que possam distingui-lo de outros semelhantes, paralelamente ao seu entendimento como objeto de posse privada e institucional, é um elemento a se considerar quando este documento é observado a partir de sua dimensão patrimonial.

Bibliotecas de livros raros, por exemplo, devem priorizar os registros de proveniência de seus livros, especialmente à luz da Bibliografia Material. Como os bibliotecários contemporâneos de livros raros estão cientes desses desenvolvimentos de pesquisa, novas aquisições recebem, ou deveriam receber, documentação de proveniência no momento da entrada. No entanto, a maioria das bibliotecas de livros raros tem inúmeras aquisições que não foram examinados em relação à proveniência. É mais eficaz rastrear a proveniência na chegada de novas aquisições, porque, simplesmente, o bibliotecário de livros raros está mais perto no tempo dos registros ativos do livro e talvez da história além dessa transação imediata.

No caso de aquisição de bibliotecas individuais, há, primeiro, o colecionador que montou a biblioteca e que, como acontece com muitos colecionadores assíduos, pode ter notas de proveniência adicionais entre sua documentação. Em qualquer caso, especialmente na era do catálogo eletrônico, a fonte de novas aquisições deve ser adicionada em um campo "nota" do registro do catálogo (GALBRAITH; SMITH, 2012).

Informações sobre proveniência podem também ser construídas em “camadas”, ou seja, na medida em que as mesmas forem encontradas e/ou produzidas. Um ponto de partida são as informações sobre aquisição e de conservação, além de consulta a trabalhos acadêmicos relativos a determinado livro (GALBRAITH; SMITH, 2012).

Todos estes aspectos, quando observados de forma global, subsidiam as ações documentárias para se mapear e, posteriormente, representar as marcas de proveniência. Como aqui entra em jogo a representação, é preciso considerar cuidadosamente os problemas, questões e proposições da dimensão descritiva e da dimensão semântica dos documentos.

É neste terreno – o da materialidade dos documentos – que as marcas de proveniência estão inseridas, uma vez que podem indicar trajetórias, discursos e contradições dos colecionadores, dos documentos e de seus usos.

### 3 A COLEÇÃO DE ERNESTO SENNA

Ernesto Augusto Pereira Senna nasceu no Rio de Janeiro em 22 de setembro de 1858. Iniciou sua carreira jornalística no Diário de Rio de Janeiro, em 1878, aos 20 anos, tendo atuado em diferentes veículos noticiosos ao longo de sua vida, tais como o Diário de Notícias, o Jornal do Povo, o Gazeta da Tarde, o Gazeta da Noite, a Gazetinha, a Folha Nova, a Cidade do Rio, a Tribuna Militar, A Propaganda e O Cruzeiro. Foi no Jornal do Commercio que sua atuação teve destaque, quando começou a trabalhar no periódico em 06 de outubro de 1886 e lá permaneceu por 27 anos, até a sua morte em 1913 (ERNESTO..., 1913; COSTA, 1958). Vol-Taire, no Careta, o descreve da seguinte maneira:

O coronel Ernesto Senna, reporter pre-historico do *Jornal do Commercio*, é, como o annoso *Jornal do Commercio*, uma solida instituição nacional.

[...]

Archiva na sua memoravel cabeça, ora nimhada de escassos fiapos de cabelo, as copiosas tradições da grande cidade carioca e de quando em vez, para minorar saudades, exhibe, alinhando-as com elegante claresa, nas columnas veneraveis do organ veneravel, as suas abundantes remniscencias.

Foi intimo de muitos homens do Imperio e conta numerosos amigos entre os guindados paredros republicanos, sendo ainda hoje, consequentemente, um «pistolão» respeitavel.

Atravessou os espinhosos caminhos da vida ladeado de sympathias e de amizades e a sua larga popularidade, embora não constitúa decisiva força editorial nem se alimente de gratos favores, é bem mais segura que a do inseguro chefe da nação<sup>2</sup> (VOL-TAIRE, 1912, p. 11).

Senna participou de inúmeras associações políticas, literárias e humanistas, tais como a Liga contra a tuberculose e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Foi, também, coronel do Exército, além de ter sido agraciado com a comenda de Cavaleiro da Ordem da Rosa e recebido honrarias dos governos da Venezuela e Guatemala no Brasil (ERNESTO..., 1913). Sua rede de influências ultrapassava o mundo jornalístico, tinha amizades em várias esferas e gozava de prestígio dentre as personalidades do período.

Seu engajamento político também é marcante e se dava para além de suas reportagens. Sendo amigo de Lopes Trovão, um dos fervorosos membros do Partido Republicano, ferrenho opositor de Pedro II, Ernesto Senna se envolveu em algumas passagens políticas de relevo na história do país chegando a ser preso durante os protestos contra o imposto do vintém, a

---

<sup>2</sup> Optamos por não atualizar os vocábulos a fim de manter a fidedignidade dos textos.

chamada Revolta do Vintém, ocorrida entre os dias 1 e 4 de janeiro de 1880, acusado de incendiar um bonde (GAZETA..., 1880).

Faleceu em 19 de outubro de 1913 vítima de tuberculose, seu último pedido foi que seu caixão fosse coberto com a edição do dia de seu falecimento do seu estimado Jornal do Commercio, conforme transcrição de carta de despedida do jornalista publicada no dia 20 de outubro (ERNESTO..., 1913, p. 3).

Após sua morte, sua coleção se dissipou e acabou sendo vendida em lotes à Biblioteca Nacional nos anos de 1914, 1916, 1920 e 1926 por Gomes Pereira (Almirante), Adão da Costa Lima e dois lotes finais pela A. F. Bringuet & Cia (uma livraria/Editora), respectivamente (PEREZ, 2018). A Coleção Ernesto Senna é constituída por aproximadamente 1700 itens, dos quais se destacam inúmeras correspondências relativas ao seu trabalho no Jornal do Commercio, cartas trocadas entre personalidades da época, documentos oficiais, recibos, autógrafos e um álbum dedicado ao jornalista que contém desenhos, poemas, partituras e inúmeros textos que rendem homenagem a ele. A principal característica destes documentos é o fato de que em sua maioria tratam de aspectos cotidianos como pedidos de favores, empréstimos, apresentação de pessoas e, em grande parte, à função de jornalista e redator que Ernesto Senna exercia. Sua coleção advém, portanto, de seu arquivo pessoal, aquele derivado de sua atividade profissional, mas também da sua vida privada. Em 1894, Senna perde seu filho, Luiz, e várias cartas de condolências e homenagens aparecem na coleção, evidenciando esse momento trágico da vida pessoal do personagem.

Para além da memória pessoal, sua coleção é um retrato da sociedade brasileira do final do século XIX e início do XX, das agitações políticas dos últimos anos do Império e dos primeiros da República. Os documentos que colecionava, mesmo que não intencionalmente, revelam relações entre políticos, literatos e jornalistas, além de desvelar os inúmeros pedidos de favores que recebia, desde envio de exemplares de jornais a empregos nas oficinas gráficas ou escritórios dos jornais nos quais trabalhou (SILVA, 2008).

A característica mais interessante deste conjunto documental é que o autógrafo ou assinatura da personalidade era o alvo do jornalista e, justamente por isso, há uma série de 15 páginas onde Ernesto Senna recortou as assinaturas de diversas pessoas e as colou. Destacam-se, assim, os autógrafos de D. João VI, Rei de Portugal (1767-1826), José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838), Visconde do Rio Branco (1819-1880), Marquês de Sapucaí (1793-1875), Duque de Caxias (1803-1880), Pedro I, Imperador do Brasil (1798-1834), José de Alencar

(1829-1877) e Pedro II, Imperador do Brasil (1825-1891).

Além destes, ele ainda colecionou diversas assinaturas, textos e desenhos em um álbum específico ao qual pedia às personalidades para lhe render algumas palavras e/ou outra expressão artística, prática essa muito comum desde o século XV e que se convencionou internacionalmente como *Album Amicorum*, ou Álbum de Amizade, ainda sem estudos profundos no Brasil.

Mas, no decorrer do contato com a Coleção Ernesto Senna o que chama a atenção são os vestígios de uma história não contada pelos documentos diretamente, já que eles, em sua maioria, apresentam restos de cola e páginas alheias em seu verso, anotações não originais do documento ao lado dos nomes das personalidades, números em sua parte superior, indicando uma ordem. São esses elementos que nos deteremos melhor na próxima seção.

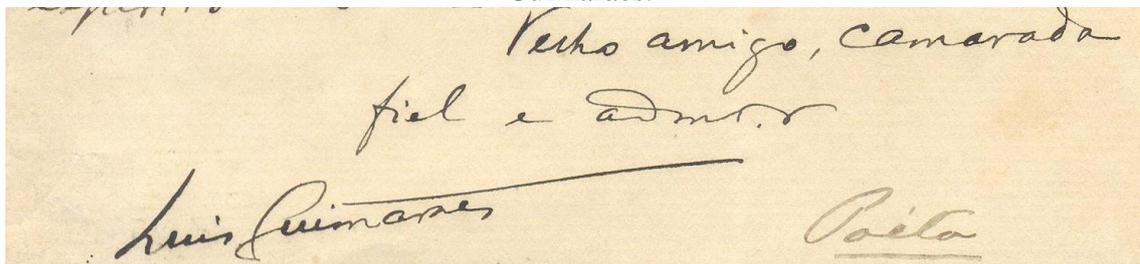
#### **4 A BIBLIOTECA E A COLEÇÃO: MARCAS DE UMA HISTÓRIA**

Como já mencionado, a coleção de Ernesto Senna é adquirida pela Biblioteca Nacional em quatro lotes e ganha novos destinos a partir de sua incorporação ao acervo da Divisão de Manuscritos. De fato, várias marcas ao longo da pesquisa e tratamento técnico do acervo nos levam a inquietações. De início, sabemos que o jornalista era um colecionador e que, portanto, os documentos que se apresentavam não eram um arquivo, mesmo que permitam conhecer mais da vida privada e profissional do personagem.

A diferença reside no fato de que um arquivo é uma acumulação natural, derivada de uma atividade, enquanto a coleção advém de uma vontade, ela é intencional e existe porque alguém traçou uma relação não orgânica entre aqueles itens. A Coleção Ernesto Senna tem por princípio reunir documentos assinados por personalidades do período, portanto, a preservação de aspectos pessoais e da sociedade do período acontece de forma secundária e não intencional.

Os documentos sofrem influências de seu colecionador, eles são submetidos às interferências, onde marcas são fixadas de modo a fazê-los parte daquela coleção. Logo, é notória a presença de marcas inseridas por Ernesto Senna nos documentos, conforme podemos visualizar na figura 2, onde abaixo da assinatura de Luis Guimarães, ele anota elemento biográfico, identificando o missivista como “poéta”.

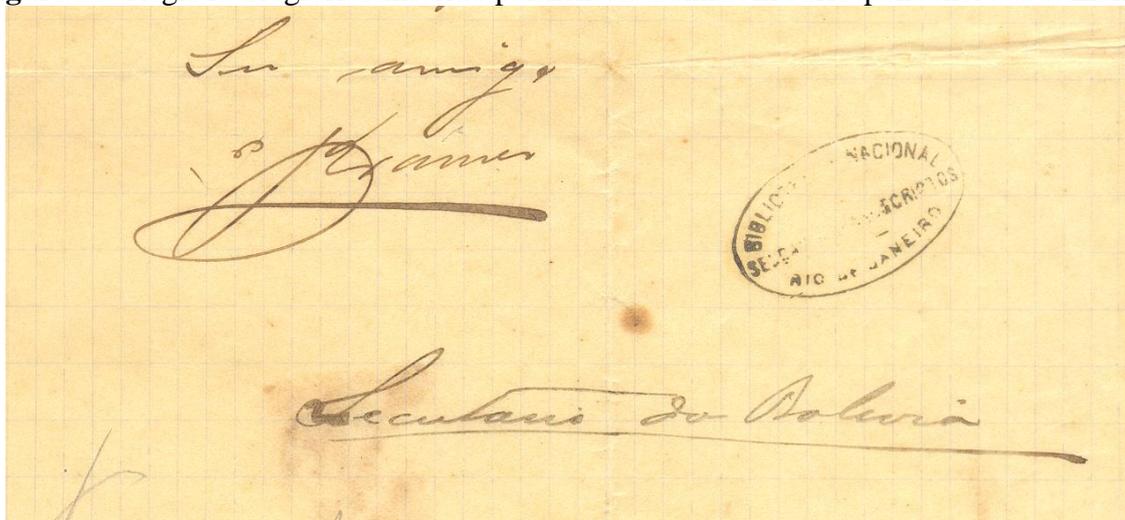
**Figura 2** – Registro biográfico inserido por Ernesto Senna em correspondência de Luis Guimarães.



Fonte: Guimarães ([18--]).

Tal fato se repete em correspondência enviada por J. Llamas (Fig. 3), onde Ernesto Senna insere a informação biográfica de que o missivista era “secretário da Bolívia”, o que em termos de tratamento documental é interessante, uma vez que não foi possível identificar o que o “J.” na assinatura significava e dá uma pista biográfica sobre ele. A inserção de dados biográficos redundante, então, em marcas fixadas pelo colecionador de modo a melhor organizar a sua coleção e identificar os personagens que a compõem. Além disso, tais marcas são elementos importantes para conhecer a proveniência dos documentos e recuperar parte de sua história.

**Figura 3** – Registro biográfico inserido por Ernesto Senna em correspondência de J. Llamas.

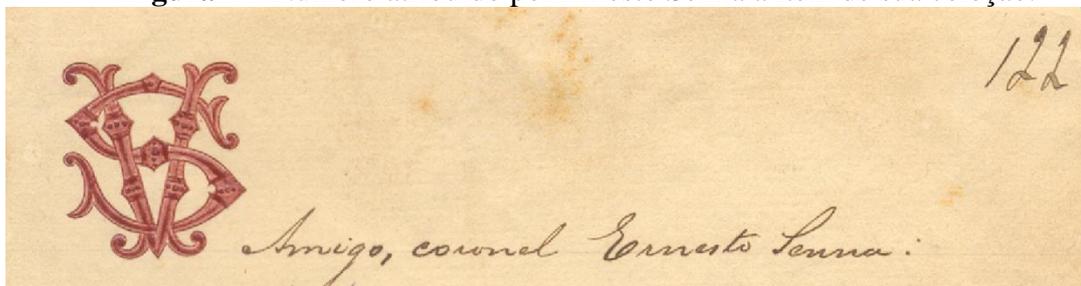


Fonte: Llamas (1899).

Outro elemento identificador presente na coleção é a fixação de um número de ordem nas margens superiores do documento, conforme evidencia a figura 4, logo, o número “122” corresponderia à ordem daquele item na coleção. Mais uma forma de organizar e marcar os

itens com elementos que os personalizassem ao estilo do colecionador e registrassem tais documentos como componentes daquela coleção.

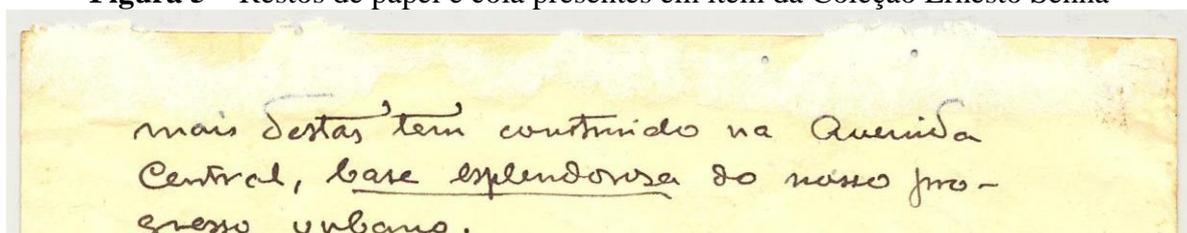
**Figura 4** – Número atribuído por Ernesto Senna a item de sua coleção.



Fonte: Souza (1896).

Contudo, essas marcas, no ambiente da Biblioteca Nacional, evidenciam uma incongruência uma vez que os documentos estão organizados em pastas individuais, não apresentando, em um primeiro olhar, uma ordem, mas apenas um acumulado ao qual a Biblioteca preferiu ordenar pelo último sobrenome dos autores dos documentos. Mas, outra marca se destaca quando tal fato é percebido: boa parte dos documentos da Coleção Ernesto Senna apresentam restos de cola e papel em seus versos, como evidenciado na parte superior da figura 5.

**Figura 5** – Restos de papel e cola presentes em item da Coleção Ernesto Senna



Fonte: De Los Rios (1907).

Logo, a partir da experiência empírica com a coleção, cogita-se que as marcas seriam resultado do desmembramento de álbuns onde o colecionador colava os itens, dando-lhes uma ordem numérica e inserindo elementos biográficos, como evidenciados nas figuras 2, 3 e 4. De fato, tal hipótese faz sentido, mas como comprovar isso?

As biografias do jornalista não citam sua coleção e nossa hipótese, além do amparo nos restos de cola e papel no verso dos documentos, se ancora nos autógrafos, já mencionados na seção 3, onde estes foram colados em 15 folhas avulsas. Mas e se as folhas não fossem avulsas

e estivessem reunidas em um álbum? A partir daí outra marca nos guia o registro dos itens da coleção.

Um item ao entrar na Biblioteca Nacional sempre é tombado/registrado, sendo inscrito no livro de tombo da instituição. Mesmo com diferentes padrões ao longo do tempo, onde o tombamento poderia ser individualmente ou por conjunto documental, acreditamos que a resposta poderia estar nas páginas dos livros de tombo da Biblioteca Nacional, logo nos fixamos em outra marca: o número de registro da coleção afixado nos documentos, como nos mostra a figura 6.

Cabe ressaltar que a coleção tem vários números de tombo graças a sua entrada na instituição em partes, sendo assim, há quatro registros diferentes de entrada que geraram, ao menos, quatro números de tombo diferentes.

**Figura 6** – Detalhe de carimbo de registro para o conjunto documental da Coleção Ernesto Senna



Fonte: Figueiredo (1912).

No canto esquerdo da figura 6, ao lado da alegoria, podemos ler a inscrição “R. n° 13/914”, que é o número de registro atribuído pela Biblioteca ao conjunto de documentos. Através desta marca, composta de carimbo e inscrição manuscrita, chegamos ao Livro de registro de entrada de manuscritos por compra e doação (BIBLIOTECA NACIONAL, 1903-1938), onde localizamos os itens que compõem a coleção de Ernesto Senna sob os números de

registro 13, 14 e 15 de 1914, 4 de 1916 e 85 de 1920<sup>3</sup>, onde lemos:

1914  
13 – Álbum contendo 892 documentos manuscritos e 306 assigna-  
autographos de politicos, litteratos, etc. por Gomes Pereira 12-5-914  
300\$000  
14 – Documentos referentes a Thesouraria da Casa Imperial e 1 volume da  
mesma natureza da Collecção Ernesto Senna por Gomes Pereira 12-5-914  
150\$000  
15 – 116 documentos varios, cartas, requerimentos da mesma collecção por  
Gomes Carneiro 12-5-914 150\$000  
[...]  
1916  
4 – Uma collecção de autographos pertencentes a Ernesto Senna (231 docs.  
sendo duas photographias e um impresso) Sr. Adão da Costa Lima 21-1-16  
120\$000  
[...]  
1920  
85 – Album de Ernesto Senna – contendo manuscritos e desenhos varios. F.  
Briguiet & Cia. 28 setembro 100\$000

E, ao final do registro 13 de 1914 encontramos uma observação manuscrita com os seguintes dizeres: “É o álbum Ernesto Sena [sic], desdobrado agora em pastas na Col. E.S.” (BIBLIOTECA NACIONAL, 1903-1938).

Deste modo, seguindo as marcas deixadas pelo colecionador original dos documentos e seu novo colecionador – se seguirmos a acepção de que a biblioteca é uma instituição colecionadora – conseguimos recuperar parte da história dos itens que compõem a coleção. Ao passar a compor o acervo da Biblioteca Nacional, a Coleção Ernesto Senna ficou sujeita a novas práticas colecionistas, como a fixação de marcas para destacá-las das demais coleções e itens. Um desses elementos é o registro de tombo, mas há, ainda, o carimbo da Biblioteca (visível nas figuras 3 e 6), a sua localização na Divisão de Manuscritos, sempre afixada a lápis na parte superior do documento como pode ser visto na figura 6, onde o “I-5,15,90” denota o andar, o arcaz, a gaveta e o número de ordem do documento na gaveta na Divisão de Manuscritos.

Outro fato curioso que ajuda a desvelar parte da história da Coleção são os elementos dela mesma. Alguns dos documentos que a compõem são na verdade cartas enviando itens para a mesma. Talvez esta prática seja uma forma de o colecionador homenagear quem colabora com o crescimento de sua coleção ou até mesmo manter a sua história. É o caso da correspondência

---

<sup>3</sup> No livro, os registros apresentam-se dispostos em 5 colunas: a) número de controle; b) descrição da documentação recebida; c) vendedor da coleção; d) data de entrada da coleção; e) valor pago pela coleção.

enviada por Artur Azevedo (1901), em que ele diz o seguinte:

Meu caro Ernesto Senna.  
Ahi têm v. o que lhe prometi: uma carta do saudoso Arthur de Oliveira.  
Mando-lhe também um autographo, não menos precioso, do Carvalho Junior,  
o Carvalhinho, auctor de Parisina.  
Quando puder apanhar uma [grana], não se esqueça do velho camarada  
[obr.ter.] Arthur Azevedo.

Percebe-se, portanto, que o colecionador usa dos seus contatos como jornalista para enriquecer a sua coleção e que, ao que parece, chega a recompensá-los pelas contribuições. Percebe-se, ainda, o valor atribuído aos itens quando este é chamado de precioso, evidenciando o apreço do colecionador pelos itens que a compõem e sua linha colecionadora.

Contudo, um item em especial nos chama a atenção, ele foi remetido pelo arquiteto Adolfo Morales de Los Rios que diz o seguinte na correspondência ao colecionador:

Meu caro Senna = O documento junto deve ter bastante interesse pa. sua colleção. Se trata de um aviso que o Comandante general de marinha das ilhas Canarias, mandou por copia, ao Capitan-General das mesmas ilhas, que na ocasião era o meu pae o Tenente General Adolfo Morales de Los Rios, sobre o tratamento que se devia dar aos barcos de guerra brasileiros a raiz da proclamação da Republica, no caso delles tocarem em postos hespanhoes. O autographo é de um João Ninguem, é verdade, como o que vae ao pé destes dizeres, mas como todo coleccionador quer justificar a todo [...ance] a maior o menor razão de taes ou taes peças figurarem nas suas colleções, Nem justificará a existencia destas nos seus [cartões] acrescentando mais que estas linhas vão escriptas pelo fazedor de casas do Rio de Janeiro que mais destas tem construido na Avenida Central, base esplendorosa do nosso progresso urbano.  
A falta de melhor contente-se Vm. com isso e mais um abraço do velho amigo.  
A. Morales de Los Rios  
Rio de Janeiro 1-6-1907

O curioso é que a correspondência está escrita no mesmo papel que a carta remetida para a coleção o que inviabiliza a separação dos itens. No mais, Adolfo Morales de Los Rios tenta a todo custo justificar a inserção de seu autógrafo na coleção, exaltando o fato de ser o “[...] fazedor de casas do Rio de Janeiro que mais destas tem construído na Avenida Central”, além disso, o documento remetido tinha como destinatário seu pai, demonstrando, talvez, uma forma de tentar perpetuar a sua família.

Fato é que a coleção de Ernesto Senna parece fazer parte do imaginário social do período, sendo um elemento que trazia prestígio a quem nela se via representado, fazendo parte das

trocas simbólicas abordadas por Bourdieu (2009). Logo, as marcas, vestígios e rastros permitem que a memória remonte ao passado e possibilitam a reconstrução de uma história social nem sempre tão simples de explicar. Claro que para interpretar tais marcas, é necessário estar atento, compreender os ciclos de uma coleção e dos itens que a compõem, mas, sobretudo, é necessário saber ler tais marcas e buscar nas entrelinhas dos itens a sua compressão no jogo da história e memória, além das trocas simbólicas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo das marcas de proveniência pode trazer à superfície detalhes compreendidos como secundários, mas que abrigam diferentes caminhos para a leitura, análise e interpretação de uma realidade documental, social e cultural.

A partir do “paradigma indiciário”, Ginzburg (2003) lança luz ao exame dos “pormenores mais negligenciáveis”, com o propósito de identificar, em elementos imperceptíveis, alguns indícios reveladores e mesmo dilatadores de uma determinada realidade.

Esta realidade, no contexto de nosso estudo, pôde ser revertida em uma realidade de natureza bibliográfica e documental, sendo as marcas de proveniência, neste contexto, sinônimos de indícios por excelência. Portanto, o “paradigma indiciário” tornou-se uma fundamental metodologia, de origem historiográfica, plenamente convergente ao campo de estudos das marcas de proveniência.

Marcas de proveniência são contornadas não somente por aspectos materiais e estéticos, mas sobretudo por aspectos simbólicos e memorialísticos. Cada um desses aspectos, quando revertidos em objetos de exame, demandam procedimentos analíticos e metodologias específicas. Mas é importante lembrar que estas especificidades não se originam e se encerram em si mesmas, pois elas decorrem de um percurso disciplinar em desenvolvimento.

Neste sentido, os estudos das marcas de proveniência possuem dimensões não apenas técnicas a partir da observação da materialidade dos documentos (fundamental, certamente!), mas constituem um campo de investigação por excelência. Portanto, é um campo que possui dimensão interdisciplinar e colaborativa, na medida em que “empresta” conhecimentos oriundos de outras disciplinas e formula conhecimentos próprios e especializados.

É cristalino que estudos de proveniência bibliográfica teçam diálogos com disciplinas como a Bibliografia, Biblioteconomia, História do Livro, Paleografia, Heráldica, Filologia,

Preservação Documental, Codicologia, Semiótica, Tecnologia da Informação, Organização do Conhecimento, Memória e Patrimônio, e de forma mais ampla, áreas guarda-chuva como a História e a Sociologia.

Em relação às temáticas das coleções e colecionadores, estas desde muito tempo têm sido objetos de estudiosos em ciências humanas. Como elementos indissociáveis, compõem um campo heterogêneo, passível de diversas análises, e ao mesmo tempo muito rico para a compreensão de elementos históricos e culturais de uma determinada sociedade.

As marcas de proveniência exploradas de forma preliminar neste trabalho demonstram tanto os usos dos documentos da Coleção Ernesto Senna pelo seu colecionador primário (o próprio Ernesto Senna) quanto pelo colecionador institucional secundário (a Biblioteca Nacional).

A partir do percurso adotado no trabalho<sup>4</sup>, chegamos a dois resultados: 1) a Coleção Ernesto Senna sinaliza que o estudo das marcas proveniência pode ser aplicado para além do livro impresso e se abre a documentos de outras naturezas – o que pode impor novos desafios metodológicos; 2) confirma-se nossa perspectiva teórica de que a dimensão imaterial e material dos documentos se retroalimentam.

As marcas de proveniência indicam que os documentos (sejam cartas, documentos oficiais, livros, etc.) também têm vida e operam mediações, institucionalizações e memorizações de naturezas diversas. E a Coleção Ernesto Senna é reveladora dessas operações no tempo.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Artur. *Carta a Ernesto Senna enviando uma carta de Arthur de Oliveira e um autógrafo de Carvalho Júnior*. Santa Teresa, 13 fev. 1901. 1 p. (FBN/DiMss: I-05,13,080).

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1989.

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. Porto Alegre: Zouk, 2014.

BIBLIOTECA NACIONAL. *Livro de registro de entrada de manuscritos por compra e*

---

<sup>4</sup> Naturalmente este percurso pode ser ampliado e problematizado, uma vez que no Brasil estamos em busca de aportes teóricos e metodológicos locais para refletir sobre as marcas de proveniência. No nosso entendimento, os estudos das marcas de proveniência indicam o crescimento mais do que de um tema, mas de um campo de investigação que deve desvelar suas particularidades nos trópicos.

*doação*. Rio de Janeiro, 1903-1938. Orig. Ms. 1v.

BOURDIEU, Pierre. Le capital social. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, v. 31, p. 2-3, jan. 1980.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva: 2009.

CARETA, Rio de Janeiro, n. 238, 21 dez. 1912.

CHAUÍ, Marilena. A nação como semióforo. In: CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Perseu Ábramo, 2000.

COSTA, Nelson. O centenário de Ernesto Senna. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 240, p. 341-342, jul./set. 1958.

DE LOS RIOS, A. Morales. *Carta a Ernesto Senna encaminhando correspondência para a coleção do destinatário*. Rio de Janeiro, 1 jun. 1907. 2 doc. (4p.). Aut. Ms. Em espanhol, português. A carta escrita a Ernesto Senna encontra-se na mesma folha da carta encaminhada. A carta encaminhada é uma cópia autografada por Antônio [Perece] dirigida a Adolfo Morales de los Rios, e fala sobre o tratamento que deve ser dado aos barcos brasileiros em portos espanhóis por causa da proclamação da República. (FBN/DiMss I-05,19,075).

ERNESTO Senna. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, p. 3, 20 out. 1913.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico*. São Paulo: EDUSP, 2008. 761 p.

FIGUEIREDO, Aurélio. *Carta a Ernesto Senna comunicando o motivo pelo qual a recepção de aniversário de suas filhas fora transferida*. Rio de Janeiro, 13 jun. 1912. 2 p. Aut. Ms. (FBN/DiMss I-05,15,090).

GALBRAITH, Steven K.; SMITH, Geoffrey D. *Rare Book Librarianship: an introduction and guide*. Santa Barbara, California: ABC-CLIO, 2012.

GARCÍA AGUILAR, Idalia. *Secretos del estante: elementos para la descripción bibliográfica del libro antiguo*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas, 2011.

GASKELL, Philip. *A new introduction to Bibliography*. New Castle, Del.: Oak Knoll Press; Winchester, UK : St. Paul's Bibliographies, 1995.

GAZETA da Noite, Rio de Janeiro, 11 jan. 1880.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GUIZBURG, Carlos. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.143-179.

GUIMARÃES, Luís. *Cartão a Lopes Trovão despedindo-se*. [S.I.], [18--]. 1 doc. Orig. Ms. (FBN/DiMss: I-05,22,046).

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. *Sócios falecidos brasileiros: Ernesto Senna*. [Rio de Janeiro]: IHGB, c2015. Disponível em: <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/ernestos.html>. Acesso em: 13 mar. 2020.

LLAMAS, J. *Bilhete a Ernesto Senna solicitando que entregue quantia não discriminada a Gabriela e Adelino*. Rio de Janeiro, 17 out. 1899. 1 p. Aut. Ms. Em espanhol. (FBN/DiMss I-05,17,034).

MARTIN, Olivier. Le livre, les livres, dans la maison: pour une sociologie de l'objet livre. In: GARABUAU-MOUSSAOUI, Isabelle; DESJEUX, Dominique (Dir.). *Objet banal, objet social: les objets quotidiens comme révélateurs des relations sociales*. Paris: L'Harmattan, 2000. p. 57 - 82. (Dossiers Sciences Humaines et Sociales).

MOLES, Abraham A. *Teoria dos objetos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *Projeto História*, v. 10, out. 2012.

PEARSON, David. *Provenance research in book history: a handbook*. Oxford: The Bodleian Library, 2019.

PEARSON, David ; AZEVEDO, Fabiano Cataldo. The importance of provenance in book history. V *Encuentro Nacional de Instituciones con Fondos Antiguos y Raros*. Biblioteca Nacional Mariano Moreno (Argentina). (evento *on-line*). Abril de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7nwmMVXwDcQ&t=290s>. Acesso em: 22 maio 2021.

PEREZ, Eliane (Org.). *Guia de coleções da Divisão de Manuscritos da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2018. Disponível em [https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/miscelanea/2019/20190312\\_guia-4980.pdf](https://www.bn.gov.br/sites/default/files/documentos/miscelanea/2019/20190312_guia-4980.pdf). Acesso em: 10 mar. 2020.

POMIAN, Krzstof. Coleção. In: GIL, Fernando. *Memória-História*. Ed. Portuguesa. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1997. p. 51-86. (Enciclopédia Einaudi; v. 1).

POMIAN, Krzstof. Memória. In: GIL, Fernando. *Sistemática*. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda: 2000. p. 507- 516. (Enciclopédia Einaudi; v. 43).

SILVA, Carlos Henrique Juvêncio da. Coleção Ernesto Senna: a construção de uma memória. *Anais da Biblioteca Nacional*, v. 128, p. 45-78, 2008.

SOUZA, Vicente de. *Bilhete a Ernesto Senna enviando pêsames*. Rio de Janeiro, 30 jan. 1896. 1 p. Aut. Ms. (FBN/DiMss I-05,20,064).

VOL-TAIRE. Coronel Ernesto Senna. *Careta*, Rio de Janeiro, n. 238, 21 dez. 1912.  
Almanach das Glorias, [p. 11].